



pagar acima do máximo, os usineiros segurariam a diferença para cobrir os anos de preços abaixo do mínimo. Seria uma espécie de Fundo de Compensação, administrado pelo Conselho.

Outras questões complexas seriam estudadas: o assunto meio ambiente, hoje conturbado pela ação de promotores que não querem a queima de cana na colheita – o que exige colheita mecanizada de cana crua, gerando desemprego; a ridícula questão da monocultura, usada por alguns radicais para dizer que a cana não permite o cumprimento da função social da propriedade rural, exigida pela Constituição; investimentos em pesquisa e tecnologia, agrícola e industrial, com ênfase na busca de sistemas de transporte mais econômicos e variedades de cana compa-

tíveis com os novos sistemas de mecanização; a restauração da contribuição social que tantos benefícios permitiu aos trabalhadores rurais.

Em suma, precisamos de um conselho efetivo, que o Cima – Conselho Interministerial de Açúcar e Alcool – não consegue ser. Caso contrário, a concentração no setor poderá aumentar até que a compra de usinas pelos estrangeiros desnacionalize o único setor produtivo genuinamente brasileiro.

*Roberto Rodrigues é engenheiro agrônomo e agricultor, presidente da ACI e da Abag e professor de economia rural da Unesp.*

## POLÍTICAS PARA O SETOR

# Desafios claros

Fonte de alta utilidade, a cana-de-açúcar espera o amadurecimento político do setor para realizar seu potencial

**RUBENSOMETTOSILVEIRAMELLO**

**A** cana-de-açúcar brasileira é cultivada em larga escala – a maior produção mundial – com custos altamente competitivos, safra de praticamente 12 meses alternando-se em torno das principais regiões consumidoras do país, de tecnologia apropriada em constante desenvolvimento.

### MATÉRIA-PRIMA VERSÁTIL

A industrialização da cana, altamente competitiva e com farta tecnologia, gera dois produtos: o mais barato componente energético alimentício, consumido por todas as nações do mundo em larga escala, uma expressiva *commodity* internacional; e um combustível renovável, compatível com as necessidades ambientais, de alta viabilidade econômica, que vai também se

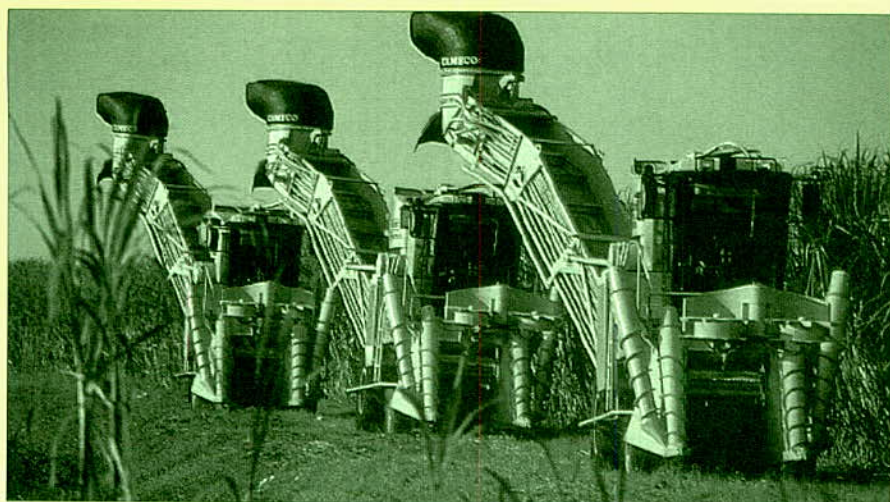
tornando uma *commodity*, porém pelo mercado da nação mais rica do mundo, mesmo a custos bem superiores.

Entre seus diversos subprodutos, existe um com enorme potencial para geração de energia elétrica, já de tecnologia e custo consagrados, que pode ainda ser matéria-prima alternativa limpa para produtos fibrosos de farto consumo mundial.

### CARTAS MARCADAS

Sob esse enfoque, os desafios da cana-de-açúcar no Brasil ficam claros. Temos um grande produto. Somos produtivamente competentes, mas isso não basta. Temos que lutar muito juntamente com o governo brasileiro para derrubar ou ao menos reduzir os subsídios do açúcar na Europa, Estados Unidos e Japão.





Nossa escala e nossa competitividade chegam a atrapalhar, pois ameaçam nossos concorrentes, que intensificam suas políticas protecionistas, sutilmente mascaradas pelo escudo moderno e perigoso da globalização, apesar do discurso liberal. Esse é o desafio internacional. Um jogo de cartas marcadas, onde nossas únicas armas de competência técnica e eterno potencial de futuro são insuficientes contra o arsenal político-econômico da concorrência.

## INDEFINIÇÕES E LOBBY

Internamente, o setor sofre pela ausência de uma política agrícola saudável, que crie condições básicas de financiamento de produção/estoques compatíveis com o perfil dos produtos, fundamental em qualquer agricultura ou agribusiness que se preze.

A consequência é uma grande oscilação sazonal de preços que penaliza e vicia o mercado especulativo. É preciso sobreviver num mercado com preços internacionais do açúcar muito baixos, um dos menores da última década, deficiência de crédito, inexistência de um norte que defina a matriz energética.

Com relação ao álcool, as dificuldades começam pela própria imagem oferecida à população nos anos 90. A falta localizada do produto tornou o carro a álcool uma opção pouco atrativa, com a contribuição do forte lobby a favor do petróleo ajudando a denegrir a imagem do setor.

## APENAS COMEÇANDO

O Brasil é uma nação jovem, fruto de uma colonização predatória; migramos de uma monarquia de conveniência para o totalitarismo, e conhecemos há pouco tempo uma democracia cheia de vícios e politicamente cansada.

Diante disso, urge acelerar a reestruturação política do setor, rompendo os vícios de uma intensa centralização tutelar do governo.

Há nove anos o setor começou a lidar timidamente com os conceitos de livre mercado; há apenas dois anos passou a tentar uma atuação mais plena, ainda desprovido de ferramentas básicas de sobrevivência e sem experiência e bagagem cultural para isso.

## O QUE AINDA FALTA

Mais uma vez o setor está tentando fazer a sua parte, tentando a aceleração. Se conseguir a mesma competência que tem na produção, a grande vocação histórica do setor,

terá alguma chance de sucesso. Por isso o grande desafio é político, é de politicamente conseguir os mecanismos que faltam.

Um deles é adequar o sistema tributário que hoje distorce o mercado do álcool. É preciso criar a figura do imposto seletivo na gasolina, mantendo a competitividade do álcool e reduzindo sua carga tributária, evitando dessa forma a sonegação.

Outro é descentralizar sua distribuição e modernizar a

logística, pois falta uma política de crédito para estocagem. Produzimos em seis meses e comercializamos em 12. A inexistência do atacadista, que propicia o capital de giro, torna os braços do mercado distantes, ficando os produtores já descapitalizados e sem crédito à mercê das distribuidoras que forçam o preço para baixo.

É necessária a presença de agentes intermediários nesse mercado que tragam as soluções financeiras mais competitivas. Não podemos esquecer

a crise de capital brasileira nem ficar esperando soluções do governo.

Falta formar alianças internacionais efetivas contra o protecionismo do açúcar. Faltam transparência e credibilidade em todos esses mecanismos domésticos que atraíam capital de investimento saudável para o setor.

O Brasil tem que conquistar politicamente o lugar merecido no grid da economia mundial atual. As soluções e respostas técnicas complementares não assustam. O setor já provou o que sabe e o que pode fazer, melhorando e superando mesmo muitas soluções técnicas e mercadológicas existentes no mundo.

O tempo corre contra. Temos que ter uma adolescência mais curta que a média.

*Rubens Ometto Mello é diretor-geral do Grupo Cosan.*